

CIDADES DOS SONHOS

As cidades são palimpsestos, palavra mais esquisita para a mistura de tempos e estilos das construções que, no fundo, representam os sonhos mais simples e mais loucos das pessoas de várias gerações, seja apenas um lugar para dormir ou trabalhar. Ou seja, cidades são produtos de sonhos humanos. Arquitetos e urbanistas costumam fazer parte desse sonho, importantes porque muitas de suas obras acabam por se impor no imaginário da cidade por vários motivos, construções se tornam representações simbólicas de comunidades inteiras. Desenho é desígnio, já dizia o mestre Vilanova Artigas.

No entanto, nesses tempos de carnaval e delírios criativos nas passarelas do samba, há outro aspecto intrigante nesses sonhos de cidades. São os sonhos que não se concretizaram, os projetos utópicos ou que não tiveram apoio e recursos suficientes para virar realidade ou para se sustentar. Há sites na internet que se dedicam a mostrar essas obras abandonadas. Uma das coisas que não consegui como professor de urbanismo foi encontrar um estudante disposto a estudar os projetos não realizados para Franca, são muitos. A maioria dos que conheço foram gestados na Prefeitura, mas também acontece com frequência na iniciativa privada ou em instituições, alguns lançados com pompa e circunstância ou como balões de ensaio na imprensa. Vejam os casos do portentoso edifício de consultórios da Unimed junto ao shopping center, um megaempreendimento de torres de apartamentos e escritórios ao redor do mesmo shopping, o gigantesco masterplan do Hospital do Coração da Santa Casa, o edifício de apartamentos na Rua do Comércio no antigo terreno da fábrica de calçados HB. Tornaram-se apenas ilustrações em publicações, esfumaram-se no esquecimento, ninguém fala mais sobre eles nem os motivos de seu fracasso. Sem contar os balões de ensaio mais estranhos ainda, sem desenhos, que surgem na imprensa como a arena de basquete privada que substituiria o Pedrocão. Esvaziou e sumiu como o “padre do balão”?

Os tempos das gestões como prefeito de Ary Balieiro foram pródigas nesses projetos que hoje são apenas uma pálida lembrança nas páginas dos jornais impressos da época. Posso listar inúmeros deles que não saíram do papel, como o grande ginásio de esportes multiuso desenhado pelo famoso arquiteto Ruy Ohtake, o projeto do atual Pedrocão o substituiu, uma pena para a cidade. Ou seu projeto de edifício de uso misto com apartamentos e escritórios no terreno da Prefeitura onde hoje está o terminal central de ônibus, este a pedido de uma construtora local. A escola técnica para o SENAI projetada por ninguém menos que Paulo Mendes da Rocha, o terreno hoje está sendo ocupado por um condomínio de moradias de luxo no bairro Santo Agostinho. O nunca executado prédio da Câmara Municipal junto à Prefeitura no alto da Cidade Nova, fruto de concurso de arquitetura em 1965, projeto de Sérgio Bergamin, Arnaldo Martino e Luiz Guilherme Savoy de Castro.

No segundo governo de Balieiro nos anos 1990, uma influente moradora das imediações conseguiu a promessa do prefeito para construir o que chamou de Praça da Itália, num terreno da Prefeitura hoje ocupado em parte por um equipamento esportivo e estacionamento, ao lado do Easy Center na avenida Ismael Alonso. Balieiro também chegou a cometer um desatinado projeto para reformar totalmente a Praça Nossa Senhora da Conceição, chegamos a promover um protesto em praça pública contra essa obra em 1988, felizmente não executada. Infelizmente, o atual prefeito fez o que Ary não conseguiu, uma “deforma” da Praça a pedido da poderosa ACIF.

Dos tempos do prefeito Sidnei Rocha, dentre outras promessas nunca cumpridas, ficou um concurso público de projetos para reurbanizar e modificar paisagisticamente a área da chamada “Cachoeira da Fiat”, assim como o “esqueleto” do governo do Estado que seria o Posto Fiscal, dinheiro público jogado no ralo que espera conclusão desde o início dos anos 1990.

Eu mesmo contribui, em momentos diferentes, com projetos da cidade dos sonhos que nunca foram executados. Durante a primeira gestão de Ary Balieiro, propus com o arquiteto Luiz Antônio Pereira a utilização de trechos da área da ferrovia desativada em habitação de interesse social verticalizada. Ary preferiu atender ao automóvel e fez uma avenida cheia de estacionamentos. Nos tempos do Gilmar Dominici, com os arquitetos Podô e Luiz Antônio, fizemos o projeto do Museu Ambiental que usaria o interior das fossas de esgoto tombadas como patrimônio histórico na avenida Ismael Alonso, seria algo totalmente inusitado na principal entrada de cidade.

Nos anos recentes da autocracia alexandrina, ajudei a desenhar um Parque municipal na antiga voçoroca do Jardim do Líbano, que também foi para as calendas gregas. São apenas alguns dos projetos que, por diferentes razões, nunca saíram do papel, tornaram-se apenas desenhos esquecidos que alguns sonharam.

Mauro Ferreira é arquiteto